

O CONSERVADORISMO CATÓLICO E A CONSTRUÇÃO DO SER MULHER

*Eixo Temático: **GÊNERO, SEXUALIDADE E RELIGIÃO***

Ellen Cristina dos Santos Oliveira¹

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo compreender a construção do ser mulher em nossa sociedade, se utilizando do comportamento estruturado através da religiosidade, mais especificamente do catolicismo conservador que atualmente tem crescido e tomado espaço de outras religiosidades existentes na própria religião.

Compreender como a experiência religiosa é aplicada a mulheres cristãs católicas e especificamente as seguidoras da renovação carismática católica e como são essas mulheres convencidas de seguir determinado papel social dentro e fora de casa, seguindo assim a imposição de transparecer pureza e inocência durante toda sua vida.

Palavras-chave: Carismáticas, Catolicismo, Modéstia Feminina

INTRODUÇÃO

A questão do “ser mulher” a ser tratada aqui, tem como objetivo pesquisar de forma acadêmica a relação entre escolhas simples feitas por membros da sociedade e a construção histórica do ser humano como ser social, mais especificamente, mulheres católicas e conservadoras.

Em sua maioria, será aqui utilizado estudos direcionados ao feminino e a costumes cotidianos, levando em análise também material acessado e apresentado por essas mulheres como: livros, vídeos, fotos e ambientes por elas frequentados. Assim como autores de referência histórica, sociológicas feminista e da ciência da religião.

¹ Professora de História no Governo do Estado de São Paulo e Mestranda do programa de Pós-graduação PUC-SP em Ciência da Religião

A pesquisa foi realizada através de análises documentais, bibliográficas e trabalho de campo. Lembrando que, tal pesquisa em momento nenhum deve ser considerada conclusiva, estática, ou verdadeira, já que historicamente a verdade pode apresentar diversas visões, opiniões e maneiras de se contar, pois novas temáticas, informações e pesquisas podem acrescentar, enriquecer ou atualizar o atual embasamento.

Formação e surgimento da RCC

A história da renovação carismática católica se inicia em um retiro que durou entre os dias 17,18 e 19 de fevereiro de 1967, na Universidade de Duquesne (Pittsburgh, Pensilvânia, EUA), se utilizando de dois materiais: Um livro intitulado "A Cruz e o Punhal" de autoria de David Wilkerson e a Bíblia, mais precisamente Ato dos Apóstolos.

Então de início era apenas um estudo dos citados materiais, porém com o decorrer do encontro alguns alunos canadenses que estudavam na Universidade de Duquesne se encantam com a determinada prática religiosa e a divulgam em seu país, favorecendo assim congressos que cresceram a cada ano, chegando a diferentes países e culturas pelo mundo.

No Brasil a RCC, teve início em Campinas – SP, através dos padres Haroldo Joseph Rahm e Eduardo Dougherty, os quais expandem a religiosidade através dos estados brasileiros.

A religiosidade carismática baseia - se na fé e na experiência de transformação de vidas, considerando como objetivo principal a salvação, ou seja, a certeza de conexão íntima com o divino e uma vida eterna plena e feliz, além da insuspeição no divino e nas próprias convicções religiosas, de forma que o fiel espera assiduamente milagres e privilégios concedidos pelo celestial, conforme descreve Carranza, essa religiosidade é deveras afetiva e experimental:

[...]rezar com os braços elevados para o alto [...], a emotividade, a afetividade e espontaneidade atuando nos meios de comunicação com Deus; a referência constante de sensações de experiências místicas e a certeza da presença de Deus; a necessidade de milagres, como prova de existência divina; o batismo no Espírito Santo (CARRANZA, 2000, p.24).

Uma das principais características do cristão católico carismático é a materialidade da utilização de imagens e a fé em santos, porém a ideia de cura e de

merecimento é mesma: uma religiosidade que se mistura com a fé popular de uma forma imperceptível ao próprio fiel.

A imagem no catolicismo traz consigo um significado emotivo e explicativo de como o fiel deve se portar, algo que fica ainda mais claro, quando usamos o exemplo feminino; tanto de santas, quanto de fiéis, mulheres que trazem em suas imagens um ser angelical, de pureza e doçura. Então essa pesquisa busca conhecer mais sobre a formação do ser mulher dentro da religiosidade carismática católica.

A modéstia feminina e a formação da mulher católica

Para iniciarmos nossa análise, é de extrema importância considerarmos qual é o caminho percorrido para chegarmos à conclusão de que o aprendizado que é incorporado pelo ser social, quando tratamos de escolhas tão corriqueiras quanto a maneira de se vestir, trago então dois pensadores da educação, Piaget e Vygotsky, citados por Walme de Oliveira Lima, (mestre em ciências humanas e psicólogo):

(...) Para Vygotsky, a aprendizagem é um elemento fundamental para o desenvolvimento; para Piaget, o desenvolvimento é a condição para a aprendizagem. Logo, os dois autores defendem ideias metodológicas divergentes. Para Piaget, esse processo é fundamental para a construção do aprender. Para Vygotsky também, mas essa construção ocorre dentro das relações sociais (LIMA, 2020, p.55).

Existem diversas questões a ser tratadas quando nos relacionamos ao feminino em nossa sociedade, porém não há como tratarmos da nossa atualidade sem procurar a verdadeira origem de certos pensamentos e ações presentes até então. Nosso aprendizado é de grande importância, na construção de toda uma personalidade e comportamento, tais ações encontram origem histórica na religiosidade cristã católica, já que nossos mais antigos institutos educacionais do país são religiosos e católicos.

Dentro da religiosidade há códigos comportamentais, os quais, chamaremos aqui de modéstia, pois é assim que essas mulheres o chamam. Para compreendermos esse pensamento inicial, deixo aqui uma citação de Sireli Sousa:

Basta pensarmos na representatividade da Virgem Maria na vida das mulheres: mulher, virgem, pura, mãe, adorada. Mas como estes símbolos impactam na construção das relações sociais de sexo e no que se espera da mulher? Quais as consequências desta submissão imposta pelas religiões às mulheres? (SIRELI; SOUSA, 2017, p. 204).

Pensarmos na representação e no significado da virgem Maria é de grande importância nesse contexto, pois esse seria o grande exemplo para as católicas e é nesse

exemplo que muitas dessas mulheres se inspiram no momento de vestir-se. De acordo com Bourdieu, a construção simbólica não passa de uma transferência de valor:

Se a imposição da grife, caso particular da tomada de posse simbólica pela marcação (da *Bezeichnung*, no sentido Hegel), transforma de maneira quase mágica o status do objeto marcado é porque ela não passa da manifestação sensível – como a assinatura de um pintor – de uma transferência de valor simbólico (BOURDIEU, 2006, p.158).

Assim, é experienciada uma grande parte da cultura brasileira, onde por muitas vezes é a mulher objetificada e por vezes referenciada. Essa relação cultural deve ser alguém algo apresentado por além do religioso, sua representação torna-se cultural, assim como devemos também perceber que a vestimenta é apresentada de forma simbólica representativa e pode trazer consigo toda uma conjuntura sociocultural se levarmos em consideração todo um comportamento feminino:

Discursos que incentivam a submissão da mulher ao seu marido, o silenciamento, retiram-lhe a voz quando lhe impedem de dizer o que quer e o que pensa na intenção de não diminuir o poder do homem, o que pode ter de levar a sérias consequências como a permanência em um ambiente onde haja violência doméstica, por exemplo, pelo medo da desobediência aos princípios que lhe foram ensinados (SIRELI; SOUSA, 2017, p. 207).

Percebemos então que, quando citamos a influência representada por mulheres, tal representação supera o campo visual, é presente também no agir, falar, ouvir... Que toda uma estrutura mental, emocional e corporal também é influenciável e mantida pelo capital:

Até onde se estendeu o poder da concepção puritana de vida, em todas as circunstâncias ela favoreceu a tendência à conduta burguesa e racional do ponto de vista econômico, e isso, naturalmente. É muito mais importante do que o favorecimento da acumulação de capital. Foi sua mais importante e, sobretudo, a única sustentação coerente. Balançou o berço do “homem econômico” moderno (WEBER, 2020).

A construção acerca do corpo e da aparência feminina é considerada desde os primórdios do cristianismo, época que, mulheres preferiam tal religiosidade a colocar-se de maneira exigida em sua religião de origem. Porém, ainda assim, há consequências na construção do “ser feminino” desde então:

Caroline Walker Bynum argumenta que mulheres cristãs medievais aderiram a rígidos jejuns voluntários, não porque eram dualistas, e odiavam seus corpos a ponto de puni-los através da automutilação, mas porque queriam experimentar uma fusão com o sofrimento de Cristo”. Mulheres manipulam seus corpos para estabelecer uma relação direta com o sagrado, que subvertia, ou pelo menos, transcendem as limitações impostas sobre elas pela hierarquia masculina. As tecnologias ascéticas de si aplicadas pelas mulheres medievais a seus corpos representavam um ‘meio de criticar e controlar os que estavam em autoridade’ (BRYNUM apud VÁSQUEZ 2011, p.142)

Tais comportamentos evoluem na atualidade em pressões estéticas e a reações que observamos atualmente. É notável a relação conturbada a qual grande parte do gênero feminino encontra no alimentar-se, um exemplo é que faz muito tempo que mulheres cristãs têm o costume de jejuar em nome da sua crença. Analisando mais cuidadosamente, podemos perceber que tal prática além de ser a maneira de aproximar-se do divino é também a maneira de atingir o padrão corpóreo exigido por nossa sociedade:

Saúde e beleza raramente estavam separados no cristianismo branco [Norte Americano], onde a extrema magreza permanece como o mais alto padrão para mulheres, e, portanto, causa de auto aversão entre aquelas que não conseguem (MARIE GRIFFITH apud VÁSQUEZ 2011: 142, grifo do autor)

Durante séculos, mulheres são educadas para transmitir pureza e inocência, ao ponto de transmitir uma ideia assexuada, demonizando a sexualidade e o corpo feminino. A chamada modéstia feminina é uma tentativa de retraditionalização, construindo uma estética sombria e assim obstar a elas o conhecimento do próprio corpo. Construindo uma cultura do “apagamento”.

A partir do simbolismo apresentado ao corpo surgem diversas práticas e comportamentos, individuais e/ou coletivos, conseqüentemente, há toda uma organização social envolta da insígnia corpórea feminina; trazendo aqui significados também nos atos de comer, descansar, exercitar-se, etc., resultando em uma cultura em partes baseada em estruturas objetivas e estruturas mentais. O corpo feminino em si é visto como algo pecaminoso e sugestivo, pois a mulher e apenas ela levaria o homem a pecar. Oyérónke Oyêwúmi descreve a construção do feminino como algo “bio-lógico”:

Nas sociedades ocidentais, as categorias de gênero, como todas as outras categorias sociais, são construídas com tijolos biológicos, e sua mutabilidade é questionável. A lógica cultural das categorias sociais ocidentais é fundada em uma ideologia do determinismo biológico: a concepção do que a biologia fornece a lógica para a organização do mundo social. Desse modo, como apontado anteriormente, essa lógica cultural é, na verdade, uma “bio-lógica” (OYÊWÚMÍ, 2009, p.39).

A classificação de gênero construído como algo meramente biológico, coloca em um lugar completamente invisibilizado os gêneros que não correspondem as características físicas, comportamentais e psicológicas (também construídas) colocadas pela biologia, sendo assim a ciência que estuda a vida, usada, para justificar desde os primórdios preconceitos ainda presentes em nossa sociedade. A vestimenta aqui, seria o que resulta visualmente dessa concepção e assim, quanto mais feminina “melhor”

RESULTADOS E DISCUSSÃO

E o que seria feminino? De acordo com Oyêwúmí a definição de mulher inclui o seguinte imaginário: O que as fêmeas não são as definem como mulheres, enquanto o macho é considerado a norma. (OYÊWÚMÍ, 2009, p.73).

Quando a construção do ser mulher é definida pelo não ser de determinada maneira, é colocado para a mulher o que não se pode ser ou fazer desde a infância, pois certos comportamentos são “exclusivamente masculinos”, então a partir de tal ótica o ser mulher é construído através do não ser.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O comportamento feminino e a maneira de vestir-se demonstra a construção do gênero feminino dentro da religiosidade carismática e traz consigo um modelo conservador, de forma que na atualidade a construção do gênero é estruturada pelo machismo, o qual exige da mulher submissão e obediência, a fim de seguir cegamente os princípios cristãos, brancos e heteronormativos.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, P. A produção da crença, contribuição para uma economia dos bens simbólicos, 3ª edição, ed. Zouk, Porto Alegre RS, 2020
- CAMURÇA, M, CARRANZA, B, MARIZ, C, Novas Comunidades Católicas: Em busca do espaço pós-moderno, 2ª edição, ed. Ideias & Letras, São Paulo SP, 2009
- LIMA, O. W, Piaget e Vygotsky pensamento e linguagem, Rio de Janeiro RJ, ed. Telha, 2020
- OYEWÚMÍ, O. A invenção das mulheres, construindo um sentido africano para discursos ocidentais de gênero, 3ª edição, Rio de Janeiro RJ, ed. Bazar do tempo, 2021
- SOUZA, S.D. "Gênero e religião no Brasil" São Bernardo do Campo, ed. Universidade Metodista de São Paulo, 2006
- VÁSQUEZ, A.M, More than belief: a materialista theory of religion, New York: Oxford University Press, 2010, p. 1-17
- WEBER, M, A ética protestante e o espírito do capitalismo, São Paulo SP, ed. Edipro, 2020.